

# O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO – UMA BREVE LEITURA

José Neres\*

## INTRODUÇÃO

Publicado em São Luís do Maranhão, no ano de 1881, o romance **O Mulato** é considerado oficialmente como sendo o marco inicial da estética naturalista nas letras brasileiras. Desde que veio à luz, o romance tem conquistado grande número de admiradores que se encantam com o poder descritivo do autor e com a trajetória de vida de Raimundo, o protagonista da história. Durante todo esse tempo também o livro tem suscitado discussões acerca da forma com que os diversos tipos de preconceitos são tratados ao longo da narrativa.

**O Mulato** é um dos livros indicados para leitura prévia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para seu concurso vestibular para ingresso de alunos no ano de 2019. Trata-se de uma ótima indicação, pois é um romance que aborda de modo artístico/sociológico como era o dia a dia dos maranhenses na segunda metade do século XIX. Ao longo da narrativa, Aluísio Azevedo foi tecendo ácidas e contundentes críticas aos diversos preconceitos que emanavam do povo da época. A leitura deste livro costuma não trazer muitos desafios para o leitor, pois o autor se esmerava e ser claro e objetivo em suas palavras, no entanto, por causa das distintas épocas que separam a primeira edição da leitura atual, algumas pessoas podem sentir algumas dificuldades com o vocabulário, porém quase todas essas dúvidas acabam sendo dirimidas pelo contexto.

Temos a seguir um breve estudo sobre o livro. Mas, como sempre advertimos, uma análise, qualquer que seja ela, não pode substituir a leitura integral da obra, que, por sinal, é sempre mais prazerosa. Este trabalho está dividido da seguinte maneira: para iniciar, temos uma síntese sobre a vida e a obra do autor; a seguir, temos um brevíssimo estudo sobre o Naturalismo e um resumo do enredo do romance, seguido de uma análise das temáticas e de algumas personagens essenciais para o desenrolar da trama.

## ALUÍSIO AZEVEDO: VIDA E OBRA



Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, mais conhecido pelo nome literário de Aluísio Azevedo, nasceu em São Luís do Maranhão no dia 14 de abril de 1857. Seu pai era o comerciante e vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e sua mãe era a senhora Emília Amália Pinto de Magalhães, que anteriormente fora casada com o comerciante Antônio Joaquim Branco, que muito a maltratava e por quem era constantemente humilhada.

O rompimento de Emília Amália com seu primeiro marido teve forte repercussão na província, que na época, não aceitava no seio

---

\* Professor de Língua Portuguesa da rede pública e da rede particular de ensino.

da sociedade uma mulher separada. A situação piorou quando ele principiou uma relação amorosa com David Gonçalves, com quem teve cinco filhos: Artur, Aluísio, Américo, Maria Emília e Camila Amália. Por conta da condição marital da mãe, as crianças enfrentaram rejeição por parte das pessoas da época, que tomavam Emília Amália por adúltera, já que seu marido ainda estava vivo na ocasião em que ela foi morar com o pai das crianças.

Rapaz talentoso, porém revoltado com os tratamentos desrespeitosos recebidos pela mãe, o jovem Aluísio Azevedo bem cedo despertou para o mundo das artes e decidiu que seguiria a carreira de pintor, mas como suas condições financeiras não lhe permitiram continuar estudando na Imperial Academia de Belas Artes, teve que dedicar-se à carreira de chargista/caricaturista em jornais e, depois, à de jornalista e à de escritor de obras de ficção e de peças teatrais.

Sabedor de que os leitores queriam ler livros românticos, Aluísio Azevedo dedicou-se à elaboração de folhetins como forma de conseguir dinheiro para sustentar-se. Porém não esqueceu o sonho de tornar-se artista de alto nível e catalisou seus esforços para a produção de textos que, mesmo comercialmente menos atraentes, tinham maior força estética. Dessa forma, ele mesmo dividiu sua produção literária em obras comerciais (de tonalidade romântica) e obras artística (com viés naturalista).

Mesmo não conseguindo seguir a carreira de pintor, Aluísio não desistiu de “pintar” cenários e personagens em suas produções literárias, que são bastante descritivas e visuais. Ele, como artista das palavras, tentava “desenhar” as situações imaginadas para seus leitores, levando para as páginas dos livros sensações análogas às que poderiam ser desenvolvidas em quadros e gravuras. Não é à toa que Aluísio Azevedo pode ser considerado um dos escritores mais descritivos e imagéticos da prosa brasileira.

Preocupado com sua desconfortável situação financeira, Aluísio decidiu ingressar na carreira diplomática, tendo servido nos seguintes países: Japão, Argentina, Uruguai, Inglaterra, Paraguai e Itália. Suas ocupações como diplomata tornaram difícil a continuidade de seu trabalho como escritor. Logo após assumir o cargo, sua produção foi escasseando até cessar de vez. Mesmo assim, Aluísio Azevedo deixou importantes contribuições para a história da literatura brasileira, como pode ser visto a seguir.

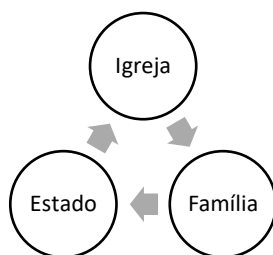
- Uma Lágrima de Mulher (1879)
- O Mulato (1881)
- A Condessa Vésper (1882)
- Girândola dos Amores (1882)
- Casa de Pensão (1883)
- Filomena Borges (1884)
- O Coruja (1885)
- O Homem (1887)
- O Esqueleto (1890 – com Olavo Bilac)
- O Cortiço (1890)
- A Mortalha de Alzira (1891)
- Demônios (1893)
- Livro de uma Sogra (1895)
- O Touro Negro (1938, publicação póstuma)



Além desses títulos, a obra de Aluísio Azevedo é também composta de algumas peças teatrais escritas quase sempre em parceria com o irmão Artur Azevedo.

## **O NATURALISMO**

O Naturalismo é uma escola literária que, juntamente com o Realismo e o Parnasianismo, surgiu, na segunda metade do século XIX, em oposição à estética romântica. Os escritores naturalistas demonstravam uma visão cientificista e lutavam contra um tripé ideológico composto da seguinte forma:



O combate à Igreja é feito com ataques constantes à parte mais frágil da instituição, ou seja, o lado humano representado pelo clero. Isso pode ser visto pela ênfase na corrupção moral dos padres e no olhar anticlerical. Com relação ao Estado, é possível perceber nas obras desse período certo descontentamento com o sistema em vigor. Os autores combatiam o modelo monárquico e muitas vezes propunham mudança para o regime republicano. Já com relação à família, uma das instituições sociais mais fortes e decisivas na formação do comportamento humano, os autores naturalistas investiram no destaque ao adultério feminino. Tornam-se então recorrente nas obras dessa estética literária os triângulos amorosos formados por uma mulher dividida entre o interesse por dois homens.

De forma irônica e sempre com o desejo de livrar-se dos padrões de dominação ideológica e com ênfase na análise do comportamento de cada personagem Aluísio Azevedo faz o seguinte comentário:

Por esse tempo aqueles três surgiam na rua, formando cada qual mais vivo contraste com os outros: Manuel no seu tipo pesado e chato de negociante, calças de brim e paletó de alpaca; o cônego imponente na sua batina lustrosa, aristocrata, mostrando as meias de seda escarlate e o pé mimoso, apertadinho no sapato de polimento; Raimundo, todo europeu, elegante, com uma roupa de casimira leve, adequada ao clima do Maranhão, escandalizando o bairro comercial com o seu chapéu-de-sol coberto de linho claro e forrado de verde pela parte de dentro. Formavam, dizia este último, chasqueando, sem tirar o charuto da boca uma respeitável trindade filosófica, na qual, ali, o Sr. Cônego representava a teologia, o Sr. Manuel a metafísica, e ele, Raimundo, a filosofia positiva, o que, aplicado à política, traduzia-se na prodigiosa aliança dos três governos o do papado, o monárquico e o republicano!

Outras características básicas do estilo naturalista são as seguintes:

- **DESCRITIVISMO** - Um dos objetivos do escritor naturalista é ser o mais claro possível em suas descrições, tentando fazer com que o leitor “visualize” os ambientes, personagens e demais elementos que possam aproximá-lo da narrativa. Pode-se observar isso desde as primeiras linhas de *O Mulato*, quando o narrador descreve o clima abafado da cidade e começa a descrever as pessoas.
- **CIENTIFICISMO** – Os autores naturalistas geralmente constroem suas personagens como se elas fizessem parte de um grande experimento científico, testando-lhes a capacidade de reação em diversos ambientes sociais devidamente controlados pelo narrador, que às vezes analisa as situações sob a perspectiva das ciências naturais.
- **OBJETIVISMO** – Os autores naturalistas preferem analisar o mundo e suas personagens pelo lado objetivo, deixando de lado a subjetividade das abordagens da estética anterior – o Romantismo, que via a realidade como eles gostariam que ela fosse e não como ela era. Por isso, no naturalismo quase não há espaço para a idealização das personagens, sendo elas mais cruas e diretas.
- **ÊNFASE NAS PATOLOGIAS HUMANAS** – As personagens naturalistas são vistas como seres carregados de patologias, de vícios e de defeitos. Geralmente decepcionam o leitor e não buscam ocupar o espaço de heróis dentro da sociedade em que estão inseridas.
- **ANTICLERICALISMO** – Conforme foi dito anteriormente, o escritor naturalista destaca em suas obras as atitudes não religiosas dos padres, vistos geralmente como homens que se curvam à força dos vícios e dos pecados carnis. Bom exemplo disso é como é mostrado o Cônego Diogo em *O Mulato*.
- **DETERMINISMO** – Quase sempre inspirados pelas ideias deterministas de Hippolyte Taine, os autores naturalistas costumavam defender a ideia de que o homem era fruto de três forças exteriores – meio, raça e momento –, que acabavam levando o homem a agir não de acordo com sua vontade, mas sim levado pelas condições biológicas, sociais e/ou históricas.

## **O MULATO – BREVE SÍNTESE**

Quando organizou seu Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira, o professor Massaud Moisés sintetizou as ideias gerais de *O Mulato* da seguinte forma:

Raimundo era um mulato superior, pintado com as tintas da fantasia. Entretanto, se o desfecho é cru, impiedoso, com pedia a estética naturalista, por outro lado é um puro golpe de teatro com sabor de melodrama. (Massaud Moisés)



O Mulato tem como núcleo narrativo a história de um jovem mestiço, Raimundo, e sua noiva, Ana Rosa, como pano de fundo a paisagem do Maranhão, com sua sociedade burguesa e preconceituosa. Os acontecimentos se passam no final do século XIX. Após estudos demorados e profícuos na Europa, onde chegou a formar-se em Direito Raimundo regressa ao Maranhão a fim de liquidar seus bens (antes de seguir para a Corte com o objetivo de instalar banca de advogado) e desvendar o mistério de seu nascimento e origem. Hospeda-se em casa do tio, Manuel Pescada. Apaixona-se pela prima, Ana Rosa, e é correspondido, mas o pai da namorada não permite o casamento, por ser Raimundo filho da escrava Domingas. Levantava-se desse modo, uma ponta do enigma. O restante veio com o tempo: o Cônego Diogo é que havia assassinado o pai de Raimundo. Mergulhado em sufocante situação, o rapaz resolve abandonar o Maranhão, mas não tem meio de afastar-se da noiva, já grávida nessa altura. O Cônego Diogo, temeroso duma represália, insufla no pobre Luís Dias, empregado de Manoel Pescada e apaixonado por Ana Rosa, o desejo de matar, vingativamente, o mulato. Quando este se dispunha a cidade, é friamente assassinado. Luís Dias acaba casando com Ana Rosa. (MOISÉS, 2014, p. 283)

Após essa síntese do romance, o professor teceu os seguintes comentários sobre a obra:

Em O Mulato, o autor denuncia, por trás de uma história de amor com final infeliz, os preconceitos existentes na sociedade maranhense, principalmente o preconceito racial. No mesmo nível, denuncia as mazelas do clero, seus vícios e pecados, concentrados na pessoa do cônego Diogo. (SEREJO, 2013, p. 28)

Do melhor que Aluísio Azevedo escreveu, este romance caracteriza-se por uma apurada técnica romanesca, hábil a ponto de conduzir um enredo complicado ao mais verossímil de seus desfechos, num andamento jamais perturbado por irrelevâncias ou frouxidões. Anticlericalismo e o problema da marginalidade do mulato (com talvez reminiscência do “caso” de Gonçalves Dias com Ana Amélia) são os dois condimentos dramáticos desse romance. Uma pincelada mais romântica no retrato de Raimundo não destrói o caráter de libelo e de fria análise de uma das chagas de nosso século XIX. (MOISÉS, 2014, p. 283-284)

## **POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES**

Ao estudar exaustivamente o livro **O Mulato** e a polêmica causada pela obra no momento de sua publicação, Josué Montello comenta que:

Publicado em São Luís do Maranhão, na Tipografia de O País, em 1881, o romance O Mulato, de Aluísio Azevedo não é apenas um livro pioneiro, como um dos marcos iniciais do Naturalismo no Brasil – é também uma obra de expressão e conteúdo polêmico, no contexto de uma áspera luta contra o

clero maranhense, de que renhidamente participou o romancista na sua cidade natal (MONTELLO, 1975, p. 3).

Mas o próprio autor de *Os Tambores de São Luís*, assim como outros estudiosos da obra de Aluísio Azevedo, como João Mendonça Cordeiro (1987), Jean-Yves Mérian (2013) e Lourival Serejo (2013) reconhecem quem as motivações do autor para a elaboração, escrita e publicação do romance tiveram também motivações de foro íntimo e familiar.

Possivelmente, a força motriz que impulsionou Aluísio Azevedo a escrever **O Mulato** veio dos problemas enfrentados por sua mãe – Dona Emília Amália – que diversas vezes foi discriminada pelo fato de haver se separado de seu primeiro esposo. A sociedade da época, metida a tradicionalista, mas com grande ranço de hipocrisia, não via com bons olhos aquela mulher que havia “se juntado” com o moço português e tido com ele diversos filhos. Para aquela sociedade acanhada, aquilo era uma afronta que deveria ser punida exemplarmente.

Os três irmãos – Artur Azevedo, Aluísio Azevedo e Américo Azevedo – provavelmente eram apontados na rua como sendo filhos de uma mulher devassa e que deveria ser eliminada do seio da sociedade. Uma das formas que o jovem Aluísio encontrou de vingar-se das desfeitas sofridas por sua genitora foi escrever um livro no qual pudesse dar um soco metafórico na cara de cada pessoa que coadunava com o desprezo pela senhora Emília Amália e pelas demais mulheres que eram menosprezadas pela sociedade.

#### CURIOSIDADE!

Aluísio Azevedo foi, provavelmente, o primeiro escritor brasileiro a fazer uma campanha de marketing para promover seu livro. Antes da publicação, ele divulgou maciçamente a obra na imprensa da época, despertando a curiosidade do público.

Além disso, o Maranhão já vinha sendo cenário para diversos casos de preconceitos e de injustiça social, como é o caso de Gonçalves Dias, cuja história tem diversos pontos de contato com a de Raimundo, e do promotor público Celso Magalhães, que foi vítima de perseguição política após denunciar a senhora Ana Rosa Ribeiro por maus tratos e morte de escravos.

Tudo isso deve ter servido de motivação para Aluísio Azevedo escrever seu polêmico romance no qual:

Sente-se palpitar em suas páginas a sístole e diástole da vida multivariada de São Luís, assomar aqui e ali, emoldurando as cenas alegres ou nostálgicas, a paisagem policrômica da cidade, com sua topografia e fisionomia típica e fascinante – as ladeiras, os recantos inesquecíveis – como sítios e chácaras do Caminho Grande (CORDEIRO, 1987, p. 89).

Porém, apesar da magistral estrutura romanesca da obra e da expressiva força narrativa do texto, o livro acabou envolvido em diversas polêmicas na capital maranhense, o que levou o romancista a afastar-se de sua terra e tentar ganhar a vida em outros rincões.

Seria vão buscar em *O Mulato* uma descrição dos costumes dos escravos, cujas preocupações espirituais e cujas práticas religiosas são taxadas por Aluísio Azevedo de superstição e ignorância. (Jean-Yves Mérian)

## PERSONAGENS CENTRAIS

**RAIMUNDO** – é o protagonista do romance. Trata-se de uma personagem levemente romântica dentro de uma obra de caráter naturalista. Ele vive cercado de falsidade e não tem noção sobre a própria história. Raimundo José da Silva é descrito no livro da seguinte forma:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

Homem culto, fisicamente belo e com posses, Raimundo sente o peso dos preconceitos raciais que vão além da pele e atingem até mesmo sua própria história.

**DONA MARIA BÁRBARA** – personagem plenamente naturalista, a sogra de Manuel Pescada é mostrada como mesquinha, preconceituosa, hipócrita e péssima dona de casa. É lembrada como uma víbora. É uma das principais antagonistas de Raimundo, a quem raramente dirige a palavra.

Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia Os sujos e, quando se referia a um mulato dizia O cabra. Sempre fora assim e, como devota, não havia outra: Em Alcântara, tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura a rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. Lembrava-se com grandes suspiros do marido do seu João Hipólito um português fino, de olhos azuis e cabelos louros.

**MANUEL PESCADADA** – Pai de Ana Rosa e genro de Maria Bárbara. É um homem sem grande força moral e que se vê subjugado pelas investidas de sua sogra, que o domina de diversas formas. Não desperta interesse nas pessoas e mesmo sua esposa – Mariana – que, na narrativa já está morta, casou-se com ele mais por conveniência que por amor, já que ela era apaixonada pelo jornalista José Cândido de Moraes e Silva (O Farol).

Manuel Pedro da Silva, mais conhecido por Manuel Pescada, era um português de uns cinquenta anos, forte, vermelho e trabalhador. Diziam-no atilado para o comércio e amigo do Brasil. Gostava da sua leitura nas horas de descanso, assinava respeitosamente os jornais sérios da província e recebia alguns de Lisboa.

Manuel Pedro, apesar de bom, era um desses homens mais que alheados às sutilezas do sentimento; para outra mulher daria talvez um excelente esposo, não para aquela, cuja sensibilidade romântica, longe de o comover, havia

muita vez de importuná-lo. Quando se achou viúvo, não sentiu, a despeito da sua natural bondade, mais do que certo desgosto pela ausência de uma companheira com que já se tinha habituado; contudo, não pensou em tornar a casar, convencido de que o afeto da filha lhe chegaria de sobra para amenizar as canseiras do trabalho, e que o auxílio imediato da sogra bastaria para garantir a decência da sua casa e a boa regra das suas despesas domésticas

**ANA ROSA** – Filha de Manuel Pescada e amada de Raimundo, é uma personagem que se adapta às conveniências. Suas atitudes são sorrateiras e dissimuladas, mesmo despertando a simpatia do público, a personagem é fruto de uma confluência de fatores que a levam a agir de forma superficial. Ela é inteligente e perspicaz, observando sempre o que pode ser melhor para ele. De algum modo, ela acaba dirigindo as ações de Raimundo.

Ana Rosa cresceu pois, como se vê, entre os desvelos insuficientes do pai e o mau gênio da avó. Ainda assim aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto ouvir.

**LUÍS DIAS** – personagem que aparece discretamente ao longo da narrativa, mas que acaba tendo uma participação fundamental na história. Com grande jeito para as negociações, Luís Dias espera a melhor oportunidade para ocupar o seu espaço e garantir um futuro cheio de fartura.

Muito ativo, econômico, discreto, trabalhador, com uma bonita letra, e muito estimado na Praça. Contavam a seu favor invejáveis partidas de tino comercial, e ninguém seria capaz de dizer mal de tão excelente moço.

Ao contrário, quase sempre que falavam dele, diziam Coitado! e este coitado era inteiramente sem razão de ser, porque ao Dias, graças a Deus, nada faltava: tinha casa, comida, roupa lavada e engomada, e, ainda por cima, os cobres do emprego. Mas a coisa era que o diabo do homem, apesar das suas prósperas circunstâncias, impunha certa lástima, impressionava com o seu eterno ar de piedade, de súplica, de resignação e humildade. Fazia pena, incutia dó em quem o visse, tão submisso, tão passivo, tão pobre rapaz tão besta de carga. Ninguém, em caso algum, levantaria a mão sobre ele, sem experimentar a repugnância da covardia.

**CÔNEGO DIOGO** – Personagem extremamente importante para o andamento da obra, o Padre/cônego Diogo é um dos grandes responsáveis pela sina de Raimundo. É um padre sem escrúpulos e que não mede esforços para alcançar seus objetivos.

Era um velho bonito; teria quando menos sessenta anos, porém estava ainda forte e bem conservado; o olhar vivo, o corpo teso, mas unguído de brandura santarrona. Calçava-se com esmero, de polimento; mandava buscar da Europa, para seu uso, meias e colarinhos especiais, e, quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados a ouro. Tinha os movimentos distintos; mãos brancas e cabelos alvos que fazia gosto.



Diogo era o confidente e o conselheiro do bom e pesado Manuel; este não dava um passo sem consultar o compadre. Formara-se em Coimbra, donde contava maravilhas; um bocadinho rico, e não relaxava o seu passeio a Lisboa, de vez em quando, para descarregar anos da costa... explicava ele, a rir

**DONA DOMINGAS** – A mãe de Raimundo. Uma negra sofrida que, além de perder o filho, é vítima de violências.

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura.

**DONA QUITÉRIA** – madrasta de Raimundo. Mulher extremamente violenta e que mandou castigar Domingas, conforme pode ser visto no fragmento acima. É outra personagem que encarna perfeitamente os moldes da estética naturalista.

Foi uma fera! às suas mãos, ou por ordem dela, vários escravos sucumbiram ao relho, ao tronco, à fome, à sede, e ao ferro em brasa. Mas nunca deixou de ser devota, cheia de superstições; tinha uma capela na fazenda, onde a escravatura, todas as noites, com as mãos inchadas pelos bolos, ou as costas lanhadas pelo chicote, entoava súplicas à Virgem Santíssima, mãe dos infelizes.

Ao lado da capela, o cemitério das suas vítimas.

Casara com José da Silva por dois motivos simplesmente: porque precisava de um homem, e ali não havia muito onde escolher, e porque lhe diziam que os portugueses são brancos de primeira água

**JOSÉ PEDRO DA SILVA** – pai de Raimundo. Homem com um passado nebuloso, que tem atração por mulheres negras, mas que deve casar-se, com conveniência com uma mulher branca.

José da Silva havia enriquecido no contrabando dos negros da África e fora sempre mais ou menos perseguido e malquisto pelo povo do Pará; até que, um belo dia, se levantou contra ele a própria escravatura, que o teria exterminado, se uma das suas escravas mais moças, por nome Domingas, não o prevenisse a tempo. Logrou passar incólume ao Maranhão, não sem pena de abandonar seus haveres e risco de cair em novos ódios, que esta província, como vizinha e tributária do comércio da outra, sustentava instigada pelo Farol, contra os brasileiros adotivos e contra os portugueses. Todavia, conseguiu sempre salvar algum ouro; metal que naquele bom tempo corria abundante por todo o Brasil e que mais tarde a Guerra do Paraguai tinha de transformar em condecorações e fumaça.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**O Mulato** é um livro que traz algumas marcas de transição entre o Romantismo e o Naturalismo. A leitura é agradável e de fácil assimilação. No entanto, o vocabulário e algumas situações temporais podem oferecer desafios para os leitores mais jovens.

Chama atenção no livro o alto poder de descrição do autor, que faz o leitor sentir-se bastante próximo das personagens e tomar partido de uma ou de outra. Durante toda a obra, o romancista apostou nas ironias e na acidez das análises do comportamento das pessoas da época, com especial atenção às picuinhas e aos jogos de interesses.

Mesmo preferindo a narração linear, vez ou outra, para explicar algumas passagens da história, o texto faz um recuo no tempo e depois volta para o fluxo normal da narrativa. Em um dos momentos mais dramáticos do livro, ao descobrir-se mestiço, o protagonista começa a atentar para a própria aparência externa:

Em um destes passeios, parou defronte do espelho e mirou-se com muita atenção, procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal, que denunciasse a raça negra. Observou-se bem, afastando o cabelo das fontes; esticando a pele das faces, examinando as ventas e revistando os dentes; acabou por atirar com o espelho sobre a cômoda, possuído de um tédio imenso e sem fundo.

Inúmeros temas são discutidos ao longo do livro, mas predomina o preconceito racial que imperava na província e que é esmiuçada pelo autor com bastante competência e talento.

## **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Alúcio. **O Mulato**. 2ª Ed. Maranhense. São Luís: Academia Maranhense de Letras/Secretaria de Educação, 2013.

CORDEIRO, João Mendonça. **O Mulato: cem anos de um romance revolucionário**. São Luís: Edfma, 1987.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Alúcio Azevedo: Vida e Obra (1857-1913)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Garamond, 2013.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira – Realismo**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MOISÉS, Massaud (org.) **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

MONTELLO, Josué. **Alúcio Azevedo e a polêmica d'O Mulato**. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1975.

SEREJO, Lourival. **Alúcio Azevedo Sempre**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2013.